

Meus avós – Uma memória familiar de guerra, consciência e legado

Sou o último da minha família.

Já não há ninguém que se lembre dos meus avós não como fotografias, não como nomes num registo, mas como pessoas de carne e osso. Quando eu morrer, a memória de quem eles foram, da coragem silenciosa com que viveram e da dor que carregaram desaparecerá – a menos que eu a escreva. Esta é uma história pessoal, mas não é só pessoal. Toca na violência do século XX, no que significava sobreviver a um regime totalitário sem entregar a consciência, e na linha finíssima entre cumplicidade e resistência que tantos homens e mulheres comuns tiveram de percorrer.

É sobre os meus avós: a minha avó, que sobreviveu aos bombardeamentos de Viena e à perda inimaginável dos seus filhos, e o meu avô, torneiro-mecânico habilidoso que, dentro de uma fábrica de armamento, encontrou formas pequenas e perigosas de desafiar o regime nazi. Escrevo isto porque a história deles merece continuar viva. E escrevo porque as suas vidas moldam a forma como hoje entendo justiça, memória e clareza moral.

A minha avó: Sobreviver debaixo das bombas

A minha avó nasceu em 1921 e viveu a Segunda Guerra Mundial nos bairros orientais de Viena. Como tantos civis, seguia as instruções das autoridades. Quando soavam as sirenes, pegava nos filhos e corria para a cave designada como abrigo antiaéreo do prédio.

Esses abrigos eram muitas vezes apenas caves adaptadas – húmidas, apinhadas, mal ventiladas. Chamavam-lhes *Luftschutzkeller*, “caves de proteção aérea”, mas a proteção era mínima. O ar era pesado e viciado, as luzes incertas, e as regras de apagão significavam que um simples fio de luz podia trazer suspeitas ou perigo. Durante os bombardeamentos, aquelas caves enchiam-se de gente, de silêncio carregado de medo e de uma espera muda: o teto aguentaria ou desabaria?

Uma noite o teto não aguentou.

O abrigo onde estava a minha avó sofreu um impacto direto ou quase direto. O prédio por cima ruiu. A explosão, os escombros, a força da guerra romperam o seu refúgio. A minha avó foi retirada viva dos destroços, mas gravemente ferida. Parte do crânio estava esmagada e teve de ser removida. Os cirurgiões substituíram o osso por uma placa metálica. O resto da vida sentia-se a borda dessa placa sob o couro cabeludo. Às vezes dizia que a dor piorava com o frio ou antes das tempestades – uma dor surda, lembrete de que a guerra nunca a largara por completo.

Mas a ferida maior não era física.

Nessa noite morreram os seus dois primeiros filhos. Desapareceram num instante sob ti-jolos e fogo. Como tantas mulheres daquela geração, foi obrigada a continuar: enterrar, chorar, sobreviver – sem espaço para desabar. Levou esse luto consigo através da fome e do caos da Viena do pós-guerra.

E, no entanto, recomeçou.

Em 1950 deu à luz a minha mãe – saudável, viva, uma criança nascida nas ruínas de uma cidade que começava lentamente a reconstruir-se. A coragem que isso exigiu não pode ser exagerada. O corpo partido mas ainda funcional. O coração ainda capaz de esperança.

Nunca se libertou por completo do que acontecera. Em toda a sua vida nunca entrou no metro. A ideia de estar debaixo da terra, num espaço fechado que não podia controlar, era insuportável. E, mesmo assim, obrigava-se a usar a arrecadação na cave do prédio. Um pequeno ato de desafio: voltar a um lugar como aquele que quase a matara – não porque quisesse, mas porque a vida o exigia.

Viveu com dor, memória e silêncio. Mas viveu.

O meu avô: Torno, consciência e latão

O meu avô nasceu em 1912 e cresceu numa Viena muito diferente. Nos anos entre guerras jogava futebol semiprofissional e trabalhava metal. Tornou-se **torneiro** (*Dreher*), alguém que molda e usina metal com precisão extrema. Uma habilidade que – sem ele saber – lhe salvaria a vida.

Quando a Áustria foi anexada pela Alemanha nazi em 1938, a adaptação tornou-se sobre-vivência. A filiação no Partido Nazi primeiro foi incentivada, depois esperada, depois imposta. O meu avô nunca aderiu. Pagou o preço: oportunidades limitadas, vigilância acrescida, o risco de ser visto como desleal. Mas manteve-se firme.

Com a guerra veio o recrutamento. A maioria dos homens da sua idade foi enviada para a frente. O meu avô evitou a Wehrmacht não fugindo, mas com as mãos. As suas competências eram necessárias na indústria de armamento e foi colocado na produção bélica. Tornou-se parte da máquina de guerra – não como soldado, mas como operário metalúrgico.

Trabalhava na **Saurer-Werke**, grande empresa industrial em Simmering, o bairro oriental de Viena. Durante a guerra a Saurer envolveu-se profundamente na produção militar: motores de camiões, veículos pesados e peças que mantinham em movimento a máquina de guerra nazi. A fábrica era imensa e totalmente integrada nas necessidades do regime. Usava também em larga escala **trabalho forçado** – operários de países ocupados, prisioneiros e outros forçados a trabalhar em condições brutais.

O meu avô usou o pouco espaço que tinha para resistir.

Da cozinha ou refeitório da fábrica tirava sobras – comida destinada ao lixo ou aos trabalhadores regulares – e passava-as aos trabalhadores forçados. Uma côdea de pão, umas batatas. Parece tão pouco. Mas não era pouco. Num regime que criminalizava a compai-

xão e onde um colega podia denunciar, até pequenos gestos de bondade eram perigosos. Se o tivessem denunciado, poderia perder o emprego – ou muito mais.

Escolheu correr esse risco.

E há outro detalhe que só recentemente me ficou totalmente claro. O meu avô trabalhava latão. Sei-o porque trazia para casa vasos que ele próprio fazia. E porque, como prenda de casamento à minha avó, criou uma pequena obra de arte: **um barco de latão com três palmeiras**, delicadamente moldado em folha e arame. Era intrincado, lindo, feito do mesmo material com que trabalhava na fábrica.

Isto leva a uma possibilidade perturbadora.

O regime nazi tinha um **fetiche** por medalhas, condecorações e objetos simbólicos. Distintivos, cruzes de ferro, alfinetes de suástica – produziam-se em quantidades enormes para premiar a obediência, glorificar a violência e reforçar a hierarquia. Muitos eram de latão ou ligas semelhantes. Se o meu avô trabalhava, como é provável, num setor especializado em trabalhos finos de metal, pode ter participado diretamente na **produção desses mesmos símbolos do regime**.

Se for verdade, é uma ironia cruel. Que um homem que nunca entrou no Partido, que dava comida a trabalhadores forçados e rejeitava a ideologia do Estado tenha possivelmente usado a sua habilidade para fabricar as medalhas do regime. A mesma habilidade que, nas suas mãos, criou uma prenda de casamento para a mulher que amava. Um barco. Três palmeiras. Paz.

Resistência numa ditadura de rituais

Mesmo em casa a pressão para conformar era implacável.

Quando os meus avós se casaram, o regime deu-lhes um “presente”: um exemplar grátis do *Mein Kampf*. Era prática comum na época. Um gesto simbólico para ligar cada casamento, cada família, à ideologia de Hitler. A minha avó pegou num lápis vermelho e **riscou a suástica da capa**. Não deitou o livro fora – guardou-o. Não por reverência, mas como testemunho. Relíquia de uma intrusão. Lembrete do que lhes fora imposto à força.

Eram também obrigados a ouvir os discursos de Hitler no rádio. Os nazis tinham produzido em massa aparelhos baratos – o **Volksempfänger**, o “rádio do povo” – para inundar a população de propaganda. Os vigilantes de quarteirão, os chamados **Blockwarte**, controlavam a obediência. Se o rádio não estivesse ligado, se não estivesses a ouvir, se um fio de luz escapasse das cortinas de apagão, podias ser denunciado.

Os meus avós encontraram formas de contornar.

Subornavam o Blockwart com pequenos favores. **Diziam que o rádio estava avariado** ou que o sinal se perdia. Às vezes ficavam simplesmente em silêncio, fingindo que não estavam em casa. Outras vezes, sabendo que estavam a ser vigiados, punham os discursos **no**

volume máximo para todo o prédio ouvir – uma encenação não de lealdade, mas de sobrevivência.

A resistência deles era silenciosa. Tática. Não se opuseram abertamente ao regime – teria sido suicídio. Mas, à sua maneira, recusaram.

O que isto significa para mim

Não cresci com um legado de culpa. Os meus avós não eram das SS. Não eram ideólogos. Não foram carrascos. Foram pessoas comuns sob pressão extraordinária e tentaram, com coragem silenciosa, preservar a sua humanidade.

Isto importa-me hoje porque vejo como o passado é usado para moldar o presente.

Em partes da Europa, sobretudo na Alemanha e na Áustria, o peso da história levou alguns líderes políticos a oferecer **apoio incondicional** ao Estado de Israel, mesmo quando este comete graves abusos contra os palestinianos. A lógica – muitas vezes não dita – é clara: porque fomos culpados então, não podemos criticar agora. Porque os judeus foram vítimas das nossas atrocidades, temos de apoiar o Estado judaico sem reservas.

Essa lógica está errada. **Dois males não fazem um bem.**

O sofrimento dos judeus no Holocausto não justifica o sofrimento dos palestinianos hoje. A culpa dos Estados europeus não deve ser paga por outro povo desalojado. Os crimes do passado não se redimem ignorando os crimes do presente.

Os meus avós não cometiam esses crimes. Viveram sob ditadura mas tentaram manter-se decentes. O meu avô moldava o latão em sinais de compaixão enquanto a fábrica o usava para sinais de poder. A minha avó riscou uma suástica com lápis vermelho. O exemplo deles dá-me força para falar com clareza.

Não sinto obrigação de expiar pecados que a minha família não cometeu. Sinto obrigação de honrar os valores pelos quais viveram: compaixão acima da conformidade, decência acima do dogma, a coragem de cuidar quando cuidar era perigoso.

Memória como recusa

Este é o meu registo. A minha oferenda. A minha recusa em deixar a história deles desaparecer.

É uma história de latão e de bombas. De rádios demasiado altos e de comida partilhada em segredo. De um crânio que carregou dor uma vida inteira, e de um barco de latão que navega pela memória. De pessoas que nunca se disseram heróis, mas recusaram tornar-se monstros.

Escrevo para que não sejam esquecidos. E escrevo para lembrar a mim mesmo e a quem quer que leia que a justiça tem de ser universal. Que a memória tem de ser honesta. Que a compaixão nunca pode ser condicional.

Mesmo na escuridão, um pequeno ato de bondade pode ser uma espécie de luz. Foi isso que os meus avós me ensinaram.

E é por isso que me lembro.